

Ano 18, Vol. XVIII, Núm.1, jan-jun, 2025, pág. 478-495.

## **CELEBRAÇÃO DA FESTA DA CULTURA MBOATAWA DO POVO TENHARIN PIRY KAGWAHIMA**

Jamile Graziela de Oliveira da Paz  
Victoria Emanuelle Alecrim Neves  
Jordeanes do Nascimento Araújo

### **RESUMO**

O presente artigo aborda a celebração da festa cultural Mboatawa do povo Tenharin, realizada na Terra Indígena Tenharim Marmelos, entre os dias 16 e 20 de julho de 2024. O evento reuniu aldeias Tenharim, Parintintin e Jiahui, destacando a importância da festa como um momento de resistência cultural e preservação das tradições. A preparação para a festa envolveu a mobilização coletiva e a realização de rituais em homenagem aos falecidos. A programação incluiu danças tradicionais, casamentos e a participação de caçadores que contribuíram com a alimentação da festividade. A pesquisa foi enriquecida por entrevistas com membros da aldeia, que ressaltaram a relevância do Mboatawa na transmissão de saberes culturais e na manutenção da identidade do povo. A análise enfatiza a importância da festa na preservação da cultura, das tradições alimentares e na formação da identidade coletiva, ao mesmo tempo que ressalta os desafios enfrentados pelos povos indígenas em um contexto contemporâneo.

**Palavras-chave:** Mboatawa, povo Tenharin, cultura indígena, preservação cultural, identidade.

## **CELEBRATION OF THE MBOTAWA CULTURE FESTIVAL OF THE TENHARIM PIRY KAGWAHIMA PEOPLE**

### **Abstract**

This article discusses the celebration of the cultural festival Mboatawa of the Tenharim people, held in the Tenharim Marmelos Indigenous Land from July 16 to 20, 2024. The event brought together Tenharim, Parintintin, and Jiahui villages, highlighting the significance of the festival as a moment of cultural resistance and preservation of traditions. The preparation for the festival involved collective mobilization and the performance of rituals in honor of the

deceased. The program included traditional dances, weddings, and the participation of hunters who contributed to the event's food supply. The research was enriched by interviews with village members, who emphasized the importance of Mboatawa in the transmission of cultural knowledge and the maintenance of the people's identity. The analysis emphasizes the importance of the festival in preserving culture, food traditions, and in shaping collective identity, while also highlighting the challenges faced by indigenous peoples in a contemporary context.

**Key-words:** Mboatawa, Tenharin people, indigenous culture, cultural preservation, identity.

### **Considerações Iniciais**

Os Tenharin são um dos três grupos indígenas que atualmente habitam a região do curso médio do rio Madeira, no sul do estado do Amazonas. Eles fazem parte do conjunto mais amplo de povos que se autodenominam Kagwahiva, um grupo que compartilha uma mesma língua, pertencente à família Tupi-Guarani, e que se organiza segundo um sistema de metades matrimoniais com nomes de aves. Além dos Tenharin, fazem parte dos Kagwahiva os Parintintin, os Jiahui e outros grupos, como os Uru-eu-wau-wau, Amondawa, Karipuna e Juma. Estes últimos vivem em Rondônia e na região do rio Purus, no Amazonas.

Segundo Peggion (1994), os Tenharin estão distribuídos em três grupos principais, cada um situado em uma região específica: os Tenharin do rio Marmelos, do igarapé Preto e do rio Sepoti. O grupo do rio Marmelos é considerado o mais antigo, enquanto o do igarapé Preto tem uma aliança histórica de longa data com este. O grupo do rio Sepoti, por sua vez, formou-se na década de 1940, quando duas mulheres do grupo do rio Marmelos se casaram com homens locais e se estabeleceram nessa região. Apesar da origem recente, os membros do rio Sepoti identificam-se como Tenharin, reforçando uma identidade compartilhada entre os grupos.

Os Tenharin dos três grupos são bilíngues, mas a preservação da língua indígena varia entre as comunidades. Entre os Tenharin do rio Marmelos, a língua nativa ainda é amplamente utilizada nas interações internas, enquanto o português predomina nas relações externas. Já nas comunidades do igarapé Preto e do rio Sepoti, uma língua indígena quase extinta, mas os esforços são recentes contribuíram para a sua revitalização. Essa dinâmica reflete a resistência

cultural e a adaptação desses povos ao longo do tempo, mantendo viva a língua Kagwahiva em diferentes contextos.

Peggion (1994) Araújo (2019) revelam que a história dos Kagwahiva, incluindo os Tenharin, é marcada por mudanças impostas e conflitos. As primeiras menções a Kagwahiva datam de aproximadamente 1750, quando habitavam a região do alto curso do rio Juruena. A pressão dos bandeirantes e os conflitos com os Munduruku foram fatores que os levaram a se deslocar para as margens do rio Madeira. Em 1817, os Kagwahiva passaram a ser mencionados na região como Parintintin, um nome especificamente apontado pelos Munduruku, que os consideravam inimigos (Menéndez 1989).

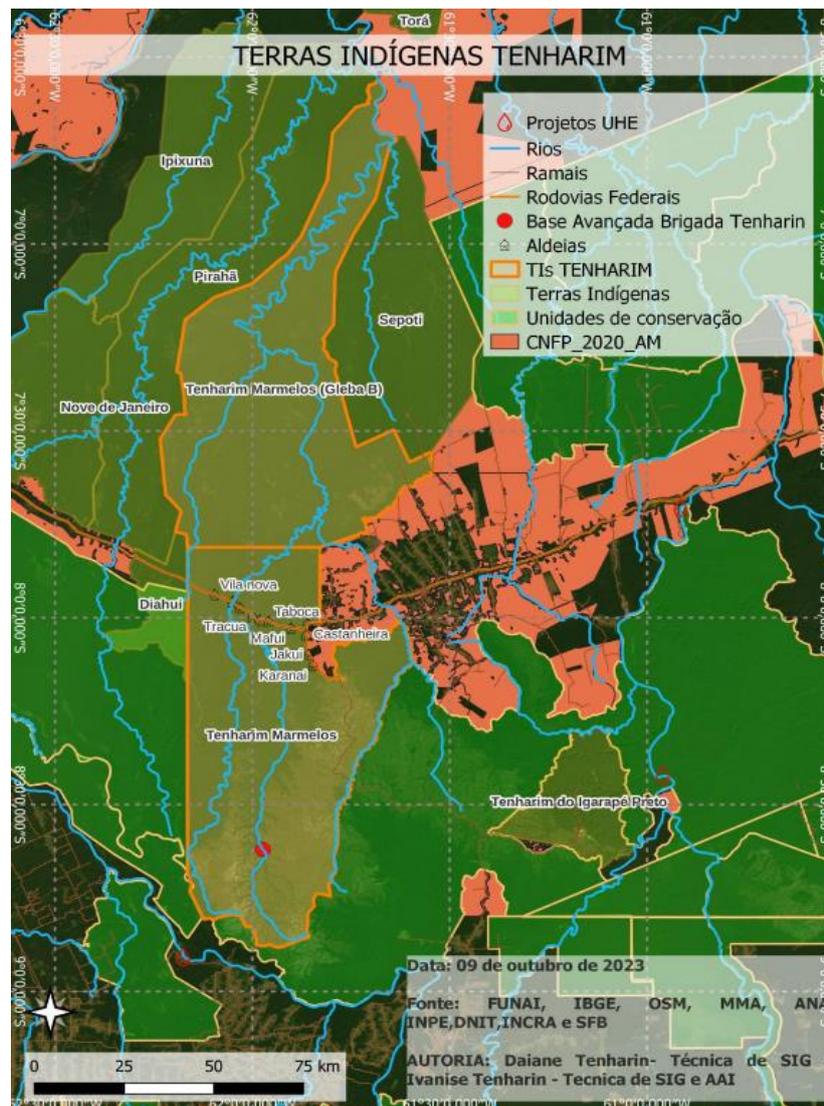
Com o passar do tempo, os Kagwahiva foram identificados principalmente como Parintintin, até que em 1922, durante um processo de “pacificação” realizado por Curt Nimuendaju, ficou claro que Kagwahiva era a autodenominação desse grupo mais amplo. A partir desse momento, os Tenharin e outros grupos passaram a ser reconhecidos em sua diversidade, embora ainda enfrentem desafios no reconhecimento de suas identidades, Peggion (1994).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, que possibilitou uma compreensão aprofundada das práticas culturais e sociais do povo Tenharin durante a celebração da festa Mboatawa. Para a efetivação desse estudo optamos pela abordagem metodológica qualitativa. A investigação qualitativa “[...] é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada” (Lüdke & André, 1986, p. 18), a pesquisa qualitativa é indicada para explorar significados e experiências de grupos específicos, permitindo a construção de um conhecimento contextualizado e reflexivo. Este estudo busca compreender como a festa Mboatawa contribui para a preservação das práticas culturais do povo Tenharin, sendo um espaço de resistência cultural e transmissão de saberes.

O estudo foi realizado na Terra Indígena Tenharin Marmelos, durante a festa cultural Mboatawa, que ocorreu entre 16 e 20 de julho de 2024. O local da pesquisa foi a Aldeia Kampinhu’o, onde a festa congregou aldeias Tenharin, Parintintin, Juma e Jiahui. A escolha do local se deu pela relevância cultural da festa e pela oportunidade de observar práticas

tradicionais em um contexto autêntico, o que torna a pesquisa relevante para a valorização e preservação da cultura indígena.



Fonte: Associação Indígena do Povo Tenharin – APITEM, 2023

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas. Durante a festa, os pesquisadores participaram ativamente das atividades, incluindo danças e cerimônias, permitindo uma imersão nas práticas culturais. A observação participante permitiu que os pesquisadores vivenciassem a festa e a dinâmica social da aldeia.

As entrevistas foram conduzidas com três categorias de participantes: um jovem, uma professora e um ancião, permitindo captar diferentes perspectivas sobre a festa, os rituais e a preservação da cultura. Segundo Minayo (2013), as entrevistas semiestruturadas são eficazes para captar a diversidade de vozes e experiências de um grupo.

Os dados foram organizados em categorias temáticas, que emergiram das entrevistas e da observação, permitindo identificar os principais aspectos da cultura Tenharin, como a organização social, a importância da festa e as práticas alimentares.

A metodologia adotada possibilitou um entendimento profundo da celebração da festa Mboatawa e das práticas culturais do povo Tenharin. A combinação de observação participante e entrevistas semiestruturadas revelou a importância da festa como um espaço de resistência cultural e transmissão de saberes, contribuindo para a preservação da identidade coletiva do povo.

## **DESCRIÇÃO DA ALDEIA**

A aldeia dos Tenharin é marcada pela preservação de uma rica identidade cultural e um forte senso de comunidade. A organização social do povo Tenharin está estruturada em dois clãs, nomeadamente: os Mutum Nangwera, identificados pela cor preta, e os Kwandu Tarawe, associados à cor laranja. Cada família possui normas específicas para casamentos e interações sociais, reforçando os laços de pertencimento dentro da aldeia (Araújo, 2023).

Os grupos Tenharin ocupam uma região conhecida pela antropologia como Madeira-Tapajós, localizada ao longo dos rios Marmelos, Sepoti e Igarapé Preto. Atualmente, a aldeia principal está situada às margens do rio Marmelos, um afluente do rio Madeira, atravessada pela rodovia Transamazônica (BR-230). Essa localização influencia diretamente o cotidiano da comunidade e as dinâmicas de interação social e cultural.

O grafismo tem uma estreita ligação com seu território de origem, refletindo a Festa Tradicional do Povo Tenharin, que marca o período de transição da coleta da castanha para a construção de roças. Da mesma forma, a Festa Tradicional do Povo Parintintin também representa essa transição. Ou seja, as características dos desenhos se atribuem ao seu contexto territorial, à natureza, aos animais e aos rituais (Valtierre e Araújo 2023).

O grafismo Tenharin é uma expressão visual que conecta o povo ao seu território, refletindo elementos naturais e rituais tradicionais, como a Festa Mboatawa. Segundo Valtierre e Araújo (2023), esses grafismos estão profundamente ligados ao ambiente que circunda a aldeia, representando animais, plantas e ciclos naturais. A Festa Mboatawa simboliza uma transição importante para os Tenharin, marcando o fim da coleta da castanha e o início da preparação das roças, um período de renovação e fortalecimento cultural.

A aldeia conta com infraestrutura básica, como uma escola, um posto de saúde, casas de madeira e alvenaria, um campo de futebol e um salão comunitário onde ocorrem celebrações e eventos culturais. No entanto, os Tenharin enfrentam desafios constantes na preservação de seu território, lidando com pressões externas como o desmatamento e a expansão da rodovia Transamazônica. A luta pela defesa de suas terras é central para a continuidade de sua cultura e de suas tradições.



*Fonte: Autores, 2024.*

*Figura 1 - Grafia - Clá Mutum Nangwera*



Fonte: 1 Autores. Figura 2 - - Grafia - Kwandu Tarawe

## DESCRIÇÃO DA FESTA CULTURAL E ANÁLISE

Nos dias 16 a 20 de julho de 2024, celebrou-se na Terra Indígena Tenharim Marmelos uma das principais festas tradicionais do povo Tenharim: o Mboatawa, realizada na Aldeia Kampinhu'o. Esta festa ocorre no início do período mais seco da Amazônia, entre os meses de junho e agosto, e reúne as aldeias Tenharim, Parintintin e Jiahui, que se autodenominam Kagwahiva. O evento também conta com a presença de diferentes grupos locais e povos, nomeadamente

Anualmente, a festa é sediada em uma aldeia diferente, em um sistema de rodízio entre as aldeias organizadoras, enquanto os demais participam como convidados. A preparação da festa é iniciada cerca de um ano antes e envolve uma ampla mobilização coletiva sob a liderança do dono da festa. Um ritual dedicado aos falecidos é um dos aspectos mais importantes da preparação, homenageando e celebrando aqueles que já partiram.

Nos dias que antecederam o início do evento, grupos familiares se dispersaram pelo território para realizar a caçada. Cada grupo montou acampamentos temporários às margens dos rios, onde passou dias e noites caçando e pescando para abastecer o Mboatawa. A chegada dos caçadores ao local da festa, marcada por fogos de artifício e recepcionada com canções tradicionais pelo dono da festa, deu início às celebrações.

A programação do Mboatawa inclui diversas cerimônias, como casamentos, além de uma série de cantos e danças tradicionais. Os homens, desde os mais velhos até as crianças, formam um semicírculo tocando *Yerua* (flautas de taboca), enquanto as mulheres se aproximam em fila para dançar com seus pares.



Fonte: 2. Autores, 2024. Figura 3 - Dança Tradicional

Neste ano, os universitários da Universidade Federal do Amazonas foram convidados, juntamente com o professor Dr. Jordeanes Araújo, para participar do evento e divulgar o conhecimento sobre a cultura desses povos. A participação ocorreu durante o segundo dia da festa, quando foram realizadas entrevistas com membros da comunidade indígena para compreender melhor as percepções sobre a festa e seu papel na preservação cultural.

O Mboatawa possui significados profundos para os povos indígenas que o celebram, destacando-se a preservação e resistência de suas tradições culturais. Para a Universidade Federal do Amazonas, registrar e divulgar relatos sobre tais eventos contribui para a valorização dessas culturas e para o combate à inferiorização das identidades indígenas da região.

A viagem teve início com a saída de Humaitá até a Aldeia dos Tenharin, localizada após a travessia do Rio Madeira. Ao chegar, fomos recebidos calorosamente com uma música típico de um grito de honraria da aldeia. A recepção incluiu um discurso de boas-vindas ao Professor Jordeanes Araújo e seus alunos(a), feito pelo cacique da aldeia Gilvan Tenharin. O cacique destacou a importância da festa cultural, conhecida como Mboatawa na língua local, e enfatizou a necessidade de preservar suas origens, ressaltando como a presença da UFAM era significativa para a aldeia, ajudando a divulgar e valorizar sua cultura.

Durante a celebração, observamos e fomos convidados a participar de uma dança tradicional, na qual os homens tocavam instrumentos e usavam chocalhos feitos de materiais naturais nos pés, batendo-os no chão para produzir som. Eles dançavam ao lado de suas esposas ou filhas, enquanto os homens solteiros dançavam com mulheres de outros clãs.

As danças com as flautas Yreru'a perpassam todos os momentos da festa. São animadas e todos dançam um pouco; é também por onde transitam e como "participam os não índios. Há, aliás, uma grande satisfação quando alguém que não seja Tenharim dispõe-se a dançar e tocar uma Yrerua. (Peggion, 2006, p. 157).



*Fonte: 3 Autores, 2024.*

*Figura 4 - Discentes participando da dança tradicional*

Uma regra importante na aldeia é que ninguém pode casar ou dançar com alguém do mesmo clã. Por exemplo, alguém do clã da pintura preta deve casar com alguém do clã da pintura vermelha.

As danças possuem grande significado, cada batida dos pés, espanta maus espíritos e doenças, a dança dura cerca de 5 a 10 minutos, podendo ser mais demorada quando a aldeia está passando por um período difícil.

Uma dúvida que surgiu durante a observação foi sobre a cor que permanece para os filhos em caso de casamentos entre diferentes clãs. A resposta obtida foi que a cor do clã do pai prevalece para os filhos.

Para o povo Kagwahiva Tenharin sua organização social ocorre através de um sistema de metades exogâmicas chamadas de Mutum e Taravé. As relações matrimoniais são exogâmicas, ou seja, o casamento ocorre por meio das metades clânicas. A organização social tupi Kagwahiva Tenharin composta por duas metades patrilineares exogâmicas. O sujeito pertence a metade de seu pai e só pode casar com a metade divergente. A metade exogâmica é Mutum Nanguera (Mutum) e a outra é Kwandu Tarawé (gavião-real). (Araújo, Valtierre, 2023, p.156).



*Fonte: 4 Autores, 2024.*

*Figura 5 - Criança com a pintura Mutum Nanguera*

Durante o almoço, oferecemos pratos típicos, como carne de anta moqueada, piracuí, carne de veado, peixe, macarrão, arroz, feijão e farinha. Todas as carnes foram trazidas pelos caçadores antes do início da festa, assadas em um local e muito bem temperadas. Ao lado dos assados, havia armazenamentos feitos de palha, que serviam para manter a comida fresca e guardada.



*Fonte: Autores, 2024.*

*Figura 6 - Comida de Caça*

*Figura 7 – Cesto de Palha*



*Fonte: Autores, 2024.*

## **Diálogos Tenharin**

Durante uma visita de campo à festa cultural, o professor nos encarregou de entrevistar três categorias de pessoas: um jovem, um adulto e um ancião. Abaixo estão as entrevistas realizadas no local.

### **Diálogo com uma Jovem Tenharin (17 anos)**

Uma jovem de 17 anos, que estuda na cidade de Humaitá no colégio GM, explicou como funciona a lógica clânica na aldeia. Segundo a jovem, os membros do clã Mutum só podem dançar com pessoas do clã Kwandu Tarawé e vice-versa. Segundo a mesma, é o cacique quem realiza os convites e escolhe quem vai participar além de ser responsável pela organização da festa cultural. Quando questionada sobre a importância da festa, ela respondeu: "É a nossa cultura. A gente precisa fazer essa festa para relembrar as nossas raízes." Segundo a jovem, ao final da festa, o cacique ou alguma liderança anuncia quem será o responsável pela festa do próximo ano e o local onde será realizada. Ou seja, a festa tem um ano de preparação.

A jovem explicou que a festa é muito divertida e dura três dias. No primeiro dia, ocorre a chegada dos caçadores. No segundo dia, acontecem as danças e os casamentos, que são realizados pelos anciãos. Ela mencionou que não estava dançando naquele ano porque estava ajudando na organização, mas, se estivesse dançando, dançaria com seus primos do clã Tarawé, pois ela é do clã Mutum.

### **Diálogo com uma Professora da Aldeia Tenharin**

A entrevistada é professora na aldeia Marmelos, e explicou que "a festa acontece todos os anos no mesmo período, que é sempre na segunda quinzena de julho. Ela sempre muda de lugar, mas é uma festa tradicional milenar do povo Tenharin, onde ocorrem os casamentos e rituais de passagem dos falecidos." A professora mencionou que no dia em que chegamos lá, tinha acontecido um casamento. Ela relatou que eles tinham comida tradicional e que tudo que estava lá para a refeição era carne de caça, como peixe, veado e anta. Todas as aldeias vão para lá para a festa e se concentram em uma única aldeia. No caso, era a aldeia em que estávamos naquele dia.

“É o momento em que os jovens mais aprendem com os mais velhos, é quando a tradição é repassada. Isso é muito importante porque, por mais que no dia a dia a gente vivencie

e perceba a nossa cultura e nossas tradições, neste período da festa, ele é mais profundo. Porque temos nossos momentos de rituais, a gente consegue passar isso melhor com todo mundo junto." Ao ser questionada sobre a importância da festa, a entrevistada respondeu: "É o momento em que a gente renova nossas energias, é o momento espiritual. Se não tiver essa festa, é como se não tivesse um ano novo para vocês. É o momento de se renovar, tem que ter. Se não tiver, o ano não vai ser bom, coisas ruins podem acontecer na terra indígena, e por isso essa festa sagrada é obrigatória todos os anos, só muda de lugar." Ela também mencionou que no final da festa será anunciado onde será o local da festa no próximo ano.

Segundo a professora o casamento funciona desta forma:

Os pretendentes são enfeitados publicamente e que os anciãos cantam, enquanto os cunhados pintam os pretendentes com cores diferentes. Sou do clã Mutum a pintura é preta. Para o marido dançar ou para ela dançar com outra pessoa, é necessário ter autorização. Se não houver acordo, a dança não acontece. As decorações no salão são feitas pelos anciãos e de palha. Especificamente, há vários trabalhos com palha, como fazer os pandeiros que estavam sendo utilizados na hora do almoço. A palha também é utilizada para armazenar carne e peixe, pois é bem trançada e mantém a comida conservada antes de ser assada.

A entrevistada explicou que a tradição é ensinada da seguinte forma: quando os anciãos começam a fazer, os mais jovens chegam perto para observar e aprender. "Eles ensinam qual tipo de palha pode ser usada e qual não pode. A palha apropriada depende da finalidade, se é para armazenamento ou para enfeite." Ela também falou sobre a língua, dizendo que no dia a dia eles utilizam mais a língua materna, e que só usam o português na escola, especialmente para ensinar matemática. Ela explicou sobre o chocalho que fica no pé dos homens na hora da dança, que serve para fazer barulho. Apenas os homens usam, pois eles fazem os passos mais firmes na dança, enquanto as mulheres apenas acompanham.

sobre o ritual de passagem do falecido que aconteceria no dia seguinte, que seria o primeiro ritual de um dos caciques depois de 11 anos de falecimento. A Entrevistada afirmou que:

Esse ritual, como o próprio nome diz, é uma passagem. É como se fosse a missa de sétimo dia de vocês, só que o nosso período de luto é muito mais demorado. Principalmente esse cacique, que era um cacique bem tradicional, então demora. Decidimos fazer esse ano e é um momento de dor porque lembramos do período, agradecemos as pessoas que cuidaram do corpo no dia do velório. Não fazemos como vocês, que são outras pessoas que cuidam. Nós não deixamos ninguém

tocar. Quem vai cuidar do corpo são pessoas específicas da aldeia. Normalmente, os cunhados e as cunhadas do falecido, que preparam o corpo para ser enterrado. É um momento de agradecimento, damos presentes para essas pessoas que cuidaram do corpo.

No final da entrevista, ela especificou que se alguém do povo falecer fora do território indígena, eles pedem apenas para colocar o corpo dentro do caixão, mas não tocar nele. “Quando chega na aldeia, fazemos todo o ritual, porque é algo sagrado nosso. Não queremos que outra pessoa toque no nosso corpo, entendem? Ele volta para dentro do nosso território e temos pessoas específicas para cuidar dele.” Eu concordei com ela e disse que achava um absurdo e que queria que meus familiares tivessem esse cuidado. Ela respondeu: “É mesmo, a gente acha um absurdo isso. Na verdade, é um grande desrespeito com a pessoa.”

Infelizmente, a entrevista teve que ser interrompida porque ela precisou sair para cuidar de alguns problemas relacionados à refeição e ao almoço, mas foi algo muito proveitoso.

### **Dialogo com um Ancião Tenharin**

Encontrar um ancião que falasse português foi desafiador, mas conseguimos entrevistar um que compartilhou várias informações importantes. Ele destacou que a receita dos alimentos é passada de geração em geração através da observação e participação das crianças. Ele explicou que a festa muda de local a cada ano e é organizada pelo cacique. Ele enfatizou a importância de lembrar das raízes culturais e expressou preocupação com a perda da língua materna devido ao uso frequente do português.



*Fonte: Autores, 2024.*

*Figura 8 Dialogo com o Ancião*

### **Por uma digressão sobre os diálogos Tenharin**

As entrevistas realizadas durante a festa cultural Mboatawa proporcionaram uma compreensão das práticas, culturas e valores do povo.

A importância da festa Mboatawa para a preservação da identidade cultural é evidente nas entrevistas. A festa não é apenas uma celebração social, mas um meio de reforçar e transmitir as tradições e valores culturais para as novas gerações. As regras rígidas sobre casamentos e danças, a transmissão de receitas alimentares e a preservação da língua materna destacam o papel da festa como um meio de preservação da identidade cultural.

A organização social dos Tenharin, baseada em clãs e regras exogâmicas, reflete uma estrutura complexa e altamente regulamentada. A festa Mboatawa, com sua programação de três dias e atividades específicas, reforça a importância dos rituais na vida comunitária. A divisão das atividades entre caçadores, dançarinos e casamentos demonstra a integração entre práticas culturais e organização social.

A perda da língua materna e a adaptação às mudanças culturais são preocupações significativas mencionadas pelos entrevistados. A festa Mboatawa serve como um espaço para reforçar as tradições e preservar a cultura. A preocupação com o respeito pelos rituais funerários e a manutenção das práticas alimentares tradicionais evidenciam o esforço da

comunidade em manter a integridade de suas práticas culturais frente aos desafios contemporâneos. O envolvimento de jovens e adultos na organização e celebração da festa demonstra um sistema de educação cultural em prática. A participação ativa dos membros da comunidade em diferentes aspectos da festa, desde a preparação até a execução dos rituais, contribui para a continuidade das tradições e o fortalecimento da identidade coletiva.

### **Considerações finais**

Refletir sobre a experiência na aldeia do povo Tenharin é uma tarefa complexa ou como diria Geertz é sempre buscar por novas tartarugas debaixo de outros elefantes, pois foi uma vivência extremamente enriquecedora. Embora que, a ignorância sobre os povos indígenas não tenha sido totalmente eliminada da sociedade brasileira, muitos aprendizados se mostraram valiosos tanto na vida acadêmica quanto no convívio social. A convivência indígena quebrou várias concepções errôneas e proporcionou um conhecimento profundo da diversidade cultural brasileira.

Um dos aspectos mais marcantes foi a estrutura dos clãs, que desempenha um papel fundamental na saúde e na força das futuras gerações. A divisão entre clãs, além de preservar tradições, garante a diversidade genética, permitindo que os filhos sejam mais robustos. A experiência gastronômica foi igualmente surpreendente; a comida de caça, especialmente a anta moqueada, estava deliciosa e superou as expectativas. Essa vivência culinária fez refletir sobre os estigmas que cercam a alimentação nas aldeias, frequentemente considerados inferiores.

O respeito pelas relações de casamento e a consideração mútua entre os parceiros na aldeia é um modelo admirável de convivência, contrastando fortemente com algumas dinâmicas da sociedade contemporânea. Como observou Claude Lévi-Strauss, “a cultura é um modo de viver e conviver que, ao longo do tempo, se consolida em valores e práticas que moldam as relações sociais.” A dança, um ritual central na cultura deles, reflete a importância do respeito mútuo e da autorização. Cada batida do pé não é apenas uma movimentação física, mas uma maneira de espantar doenças e maus espíritos, demonstrando um profundo entendimento sobre a saúde e a espiritualidade.

O cuidado dedicado aos falecidos também tocou profundamente. O luto prolongado, que envolve não apenas a família, mas toda a aldeia, demonstra o valor conferido à memória e à importância de cada indivíduo na comunidade. O respeito e o cuidado durante a preparação do corpo, restrito a pessoas específicas, contrastam com práticas comuns na sociedade, que frequentemente negligencia a dignidade do corpo após a morte.

Essa experiência na aldeia não apenas ampliou o conhecimento acadêmico, mas também proporcionou uma nova visão sobre a vida e a morte, sobre o respeito e a convivência. A festa, além de ser uma celebração das tradições, é um momento crucial para a transmissão de conhecimentos entre as gerações. É impressionante ver como os mais jovens aprendem com os mais velhos, reforçando a importância da continuidade cultural.

## REFERENCIAS

"Celebração Da Festa Tradicional MBoatawa." Coordenação Regional Do Madeira - FUNAI, 25 de julho de 2013, disponível em: [crmadeira.wordpress.com/2013/07/24/celebracao-da-festa-tradicional-mboatawal](http://crmadeira.wordpress.com/2013/07/24/celebracao-da-festa-tradicional-mboatawal). Acesso 31 de julho de 2024.

Neto, F. F., Araújo, J. do N., & Bertolin, G. G. (2021). Luta e resistência do Povo Tenharin frente ao empreendimento Barragem Tabajara no rio Machado. *Revista Presença Geográfica* Fundação Universidade Federal de Rondônia 16 de setembro de 2021.

Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/274/2742358008/>

Peggion, A. E. Ritual e vida cotidiana no Sul do Amazonas: Os Tenharim do rio Marmelos. *Perspectivas*, São Paulo, 29: 149-168, 2006.

Valtierre, T. P. Araújo, J. do N. (2023). A importância da pintura corporal nas crianças indígenas: Ritual e passagem na cultura Tenharin Kagwahiva. *RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, 7(2), 140-1

PEGGION, Edmundo Antônio. *Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia*. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 01 set. 2024.

PEGGION, Edmundo Antônio. *Povos Indígenas no Brasil* : ISA. 1994. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tenharim>. Acesso em: 18 out. 2024.

TAQUETTE, S. R.; MINAYO, M. C. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 26, n. 2, p. 417–434, jun. 2016.

**Recebido em:** 18 de novembro de 2024.

**Aceito em:** 19 de dezembro de 2024.

**Publicado em:** 01 de janeiro de 2025

**Autoria:**

Autor 1

Nome: Jamile Graziela de Oliveira da Paz

Instituição: Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas

E-mail: [jamilepaz78@gmail.com](mailto:jamilepaz78@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1943-9582>

País: Brasil

Autor 2:

Nome: Victoria Emanuelle Alecrim Neves

Instituição: Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas

E-mail: [vivialecrim7@gmail.com](mailto:vivialecrim7@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0550-3831>

País: Brasil

Autor 3:

Nome: Jordeanes do Nascimento Araújo

Prof. Dr. Universidade Federal do Amazonas

E-mail: [jordeanes@ufam.edu.br](mailto:jordeanes@ufam.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6276-2727>

País: Brasil